

## Retratos de Pracinhas da FEB: memória e história das fotografias da Segunda Guerra Mundial<sup>1</sup>

Carmem Rejane Antunes PEREIRA<sup>2</sup>  
Grupo de Pesquisa Processocom – Unisinos/CNPq

### RESUMO

O artigo oferece apontamentos de pesquisa que aborda as relações entre memória e história a partir de fotografias dos ex-combatentes brasileiros na Segunda Guerra Mundial, as quais circulam em grupos do Facebook, tematizando a memória da Força Expedicionária Brasileira. A FEB foi uma força militar constituída por homens e mulheres, que, durante a Segunda Guerra Mundial, participaram ao lado dos Aliados na Campanha da Itália, nas suas últimas fases. Seguindo uma perspectiva etnográfica histórica, os retratos são analisados como objetos de memória e fonte histórica, os quais mobilizam o olhar da pesquisa para compreender a biografia das imagens em questão.

### PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Memória; História; Força Expedicionária Brasileira; Redes Sociais

### INTRODUÇÃO

A Força Expedicionária Brasileira foi constituída aproximadamente por 25.500 homens e mulheres<sup>3</sup>, que, durante a Segunda Guerra Mundial - 1939 e 1945- participaram ao lado dos Aliados na Campanha da Itália nas suas últimas fases. A Segunda Guerra foi o maior evento bélico planetário, resultou na morte de mais de 70 milhões de pessoas<sup>4</sup> e ficou marcado por eventos trágicos como o Holocausto e o uso da bomba atômica (Eco, 2018; Hobsbawm, 1995). Episódios que acompanharam a sua eclosão mostraram

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Fotografia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação, jornalista e pesquisadora dos grupos Processocom/Unisinos; Red Amlat e NAVI/UFSC, e-mail [carmem.pereirasm@gmail.com](mailto:carmem.pereirasm@gmail.com)

<sup>3</sup> Utilizo essa referência levando em conta os apontamentos de ROSTY, C. S.; ROSTY, E. S. **As vitórias da FEB**. Do Vale do rio Serchio ao Vale do rio Po. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2022 e BONALUME NETO, R. **A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate 1942-1945**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021, sendo 25.3334 e 25.834, respectivamente.

<sup>4</sup> Esse número aproximativo leva em conta as várias estimativas feitas por diversos historiadores. Ver Udo Bauer em DWBrasil. Para Eric Hobsbawm, “suas perdas são literalmente incalculáveis (...), pois a guerra (ao contrário da Primeira Guerra Mundial) matou tão prontamente civis quanto pessoas de uniforme, e grande parte da pior matança se deu em regiões, ou momentos, em que não havia ninguém a postos para contar, ou se importar”. HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Cia das Letras, 1995, p.50.

experiências de matrizes libertárias e totalitárias que desafiam o pensamento crítico até os dias atuais e também configuram uma corrente de narrativas presente na fotografia, cinema, televisão e literatura, compondo memórias de gerações que hoje vivenciam registros da época, os quais também circulam pela internet.

Considerando a relevância desses episódios nas configurações de uma memória pública, apresenta-se apontamentos de pesquisa sobre a memória da FEB no espaço dinamizado pelas mídias. Seguindo uma perspectiva etnográfica histórica, interessa pensar as construções da memória febianana nas mídias digitais, atentando para os retratos de pracinhas em grupos temáticos de redes sociais. As fotografias são consideradas como objetos de memória e fontes históricas que mobilizam o olhar da pesquisa para compreender as biografias das imagens em questão.

## **1. FOTOGRAFIA COMO OBJETO DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA**

Pensar a fotografia como objeto da memória implica situá-la no campo da história, da antropologia, da sociologia, resgatando as transformações pelas quais vem passando a memória humana, centrando-se na memória coletiva pelo que constrói sentidos na vida social (Le Goff, 1986). Ainda, refletir a memória coletiva como memória social relacionada aos jogos do poder, revelando através da história, os processos de sua emergência, bem como de apagamentos, de esquecimentos, de silêncios, (Ricoeur, 2007).

Na longa duração, implica pensar suas transformações em função da ausência ou presença da escrita, da sua exterioridade, das suas funções como elemento de transmissão de tradições, da sua dilatação numa época marcada pela velocidade (Benjamin, 1994), como mercadoria (Huysen, 2009) ou como disposição de registros do passado para legitimar os atos do presente. Destaca-se que, depois da invenção da imprensa, do advento da fotografia e da expansão das tecnologias de comunicação eletrônica, experimenta-se hoje o alargamento digital, que além de produzir materialidades comunicacionais com diversas estratégias, possibilita circulação e até mesmo o seu acesso em níveis mais ampliados em relação ao século passado.

Diante disso, a memória se torna uma das grandes questões do século XX em diante, sendo interesse “das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção”, como afirma Le Goff (1986, p.435). O autor chama a atenção para o valor da memória na “febre e na angústia

---

das sociedades de hoje”, problemática também pensada como reclamos pelo passado nas mídias por Martín-Barbero (2006).

Ao abordar a ação das mídias nas configurações de uma memória pública, Jedloskwski (2016) enfatiza que o que constitui uma memória coletiva “não é tanto o caráter comum dos seus conteúdos, mas (...) o produto de uma interação social, de uma comunicação que tenha a capacidade de escolher o que é importante e significativo no passado, em relação aos interesses e à identidade dos membros de um grupo” (Jedlowski, 2016, p. 225-226). Dessa forma, uma memória comum, resultante da vasta oferta das mídias, não deveria se confundir analiticamente a uma memória coletiva, resultante da interpretação dos grupos sobre os outros tipos de memória, e uma memória configurada como “esfera pública”, com todas as potencialidades e limites advindos na utilização desse conceito oferecido por Habermas (2014)<sup>5</sup>.

Nesse contexto, Martino (2014) apresenta inquietudes em torno da noção, tomando especialmente a expansão das mídias digitais na conformação do espaço público. Segundo o autor, seria tentador pensar na internet como elaboração contemporânea da esfera pública, especialmente pelo que esta tem a ver com a democracia, já que a interface das mídias digitais tem uma dimensão pública considerável. Entretanto, “as discussões sobre temas de interesse público muitas vezes perdem seu foco, tornando espaço de disputas e de intrigas pessoais” (Martino, 2014, p.90).

Os diferentes focos de engajamento e discussão permitem repensar a noção como esferas públicas momentâneas, as quais tendem a afetar o cotidiano, e por isso perpassam continuamente a vida conectada e desconectada (Martino, 2014, p. 110). Conteúdos de redes sociais, portanto, como fotografias febianas, são elementos importantes para refletir sobre as práticas comunicacionais (Certeau, 2004; Martín-Barbero, 2003), levando em conta o uso das mídias nas temporalidades dos sujeitos e na especificidade dos grupos.

Dessa forma, ao focalizar os retratos de pracinhas nas redes sociais, pode-se indagar o lugar que essas imagens ocupam nos grupos, o modo como as imagens configuram memórias sobre uma época e uma instituição organizada a partir de um contexto específico/nacional e internacional. Como essas imagens narram a base social da FEB, nas suas dimensões de classe, gênero e etnia e, considerando a circulação na

---

<sup>5</sup> O conceito de esfera pública apresentado por Habermas, em 1962, diz respeito ao espaço de discussão das sociedades democráticas modernas, em que os cidadãos debatem, trocam ideias e tomam decisões, a partir de uma lógica argumentativa racional: HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. I ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

---

ambiência comunicacional contemporânea, em que medida essas imagens contribuem para pensar as configurações de uma memória histórica.

Essas indagações de partida são realizadas em diálogo com estudos históricos da fotografia, considerando suas dimensões técnica, estética e representacional, entre eles situando as contribuições de Mauad (2008). Segundo a autora “toda fonte histórica é resultado de uma operação histórica (Certeau, 1979), não fala por si só, é necessário que perguntas lhe sejam feitas”. Ainda, “tais questionamentos devem levar em conta a sua natureza de artefato e de objeto da cultura material, associado a uma função social e a sua trajetória pelos tempos” (Mauad, 2008, p.18).

## **2. OS RETRATOS: DAS GALERIAS PRIVADAS PARA AS REDES SOCIAIS**

“Por mais terras que eu percorra, não permita Deus que eu morra, sem que eu volte para lá [...]” Esse é um trecho da Canção do Expedicionário, composta por Guilherme de Almeida e Spartaco Rossi, originalmente interpretada pelo cantor Francisco Alves, e lançada em disco em outubro de 1944, quando três dos cinco escalões da FEB já estavam em missão na Itália. Um dos símbolos mais lembrados, juntamente com a insígnia da campanha “A cobra vai fumar”, ela é citada em vários grupos, blogs e sites, dedicados à memória da Força Expedicionária Brasileira. Também faz parte da minha memória familiar, construída por objetos, entre eles, fotografias, de um acervo legado por meu pai.

Com essa bagagem afetiva, que também me tornou atenta a uma época cujos conflitos e suas tragédias, suas imagens, genocídios, pensamentos, ideologias, corporificaram o que tenho chamado, heurísticamente, de matrizes políticas da Segunda Guerra, passei a refletir e buscar registros que remetessem a esse período, a partir de configurações comunicacionais no presente.

Estímulos para essa busca vieram de várias direções. Por um lado, as materialidades dos grupos das redes sociais, fizeram com que eu tomasse contato com um conjunto de imagens e relatos referentes à FEB, especialmente no Facebook, levando a pensar a diversidade dos desejos pelo passado nas mídias apontado por Martín-Barbero (2006). Também nas reflexões de Daniel Miller sobre a diversidade dos usos das tecnologias comunicacionais digitais.

Dentro desses estudos de cultura material, exploramos as muitas formas pelas quais a Antropologia pode ser positivamente empregada para o estudo do nosso

---

mundo contemporâneo, incluindo ideias teóricas como a objetificação, mas também contendo as qualidades de nossa tradição etnográfica, e equilibrando o trabalho teórico com o humanismo de relatos etnográficos, descritos de forma suficientemente clara para nos ajudar a ver como a tecnologia digital está integrada no dia a dia de pessoas comuns, com as quais nos relacionamos e temos empatia em nosso trabalho (Miller, p.2, 2015).

Por outro lado, as ambiguidades da internet ampliando o espectro de narrativas com matizes apologéticas ao nazismo, episódio mais traumático da história da humanidade, acendeu alertas em entidades e instituições voltadas à defesa dos direitos humanos e dos preceitos constitucionais contra o racismo no Brasil. Em 2003, por exemplo, o Supremo Tribunal Federal confirmou a condenação do editor gaúcho Siegfried Ellwanger pelo crime de racismo, por publicar livros antissemitas.<sup>6</sup>

De lá para cá, ocorrências com apologia ao nazismo aumentaram, incluindo exposições corporais públicas e uma série de conteúdos publicados na internet e até mesmo em discursos de agentes governamentais. O fenômeno, também abordado por estudos acadêmicos<sup>7</sup>, é acompanhado pela *ONG Safernet*, que defende os direitos humanos na internet, recebe denúncias e as encaminha para o Ministério Público.<sup>8</sup>

Dessa forma, as configurações da memória da FEB na internet, considerando o contexto de sua formação, se apresentam como um aspecto relevante para pensar e investigar as memórias e os seus sentidos dentro de um contexto mais amplo em que, como afirma o advogado Rony Vainzof, secretário da Confederação Israelita do Brasil, “o conhecimento do passado é fundamental para impedir novas atrocidades” (Agência Senado, 2021). Esse compromisso é demarcado por Eric Hobsbawm (1995) e Umberto Eco (2018), cujas obras impulsionam reflexões sobre o contexto das matrizes políticas que se evidenciaram na Segunda Guerra, suas metáforas e suas permanências.

A decisão para alavancar esse percurso etnográfico também é estimulada pela aproximação com o estudo das configurações da memória na internet e mais especificamente em redes sociais como o *Facebook*, site fundado em 2004, e atualmente

---

<sup>6</sup> O editor foi processado pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul e sentenciado à prisão por publicar livros antissemitas, entre os quais um de sua autoria intitulado **Holocausto Judeu ou Alemão? – Nos bastidores da mentira do século**. O STF entendeu que ele não estava protegido pelo direito à liberdade de expressão. Ricardo Vestin, Agência Senado, 2021.

<sup>7</sup> DIAS, A. A. M. **Observando o ódio: entre uma etnografia do Neonazismo e a biografia de David Lane**. Antropologia Social. Tese de Doutorado, 2018. São Paulo, USP

<sup>8</sup> Em junho de 2020, conseguiu a remoção de 7,8 mil páginas com a temática nazista. Em junho de 2019, havia conseguido derrubar 1,5 mil. (Safernet, 2022)

o mais popular do mundo e um dos mais usados no Brasil. A perspectiva tem como propósito situar-se em um cenário social comunicativo (Geertz, 1978), observar a participação dos atores (Fragoso, Recuero & Amaral, 2012), identificar, caracterizar e problematizar conteúdos, os quais são produzidos e apropriados nos processos que engendram uma memória febiana na internet.

Ainda que com uma temática e num cenário comunicativo diverso, incluindo outras redes sociais como *Instagram*, sites e blogs temáticos da FEB, a imersão por esse caminho permite afirmar que uma observação com cenários plurais também implica reconhecer que todas formas de interações são etnograficamente válidas; não somente face a face, e ainda porque interações *online* podem produzir resultados *offline* e vice-versa. A perspectiva metodológica abrange, assim, a construção de uma *artesanía* específica ao contexto da pesquisa, que, no seu conjunto, tem o propósito de uma aproximação com as trincheiras das memórias da FEB nas mídias, entre elas redes sociais digitais.

Uma primeira busca pela temática foi realizada em 2021, a partir de uma “visitação” a vários grupos do *Facebook*, entre eles o grupo denominado “Imortais combatentes da FEB”. O grupo se apresenta como Organização Não Governamental, registra um grande número de postagens com imagens dos ex-combatentes, indicando uma receptividade que se apresenta pela rede social com 77 mil seguidores para um conteúdo que é preponderantemente construído pelas imagens e informações de identidade de pracinhas – nome, data de embarque, navio, regimento, comandante, data de chegada, local de nascimento ou residência e também a fonte de envio. Com vários contatos, e-mail, telefone e ainda o Instagram, o grupo não apresenta nenhuma informação sobre critérios de participação.



Figura 1 – Grupo Imortais Combatentes da FEB<sup>9</sup>



Figura 2 – Imagem da insígnia da FEB<sup>10</sup>

A imagem do distintivo da FEB está presente em todos os grupos temáticos e se refere ao lema “A cobra vai fumar” construído em resposta aos críticos da época que não acreditavam que o Brasil enviase tropas para a Itália. Baseado em ditado popular diziam que “ É mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil o Brasil mandar soldados para a guerra” .<sup>11</sup> Além da “cobra fumante” que representava o lema do Exército Brasileiro na Itália, também a Força Aérea Brasileira, FAB, popularizou o seu emblema “Senta a Pua”, que mostrava um avestruz guerreiro de quepe, o qual, segundo seus criadores nunca escondia a cabeça diante do perigo. Os emblemas acompanham relatos e imagens a conteúdos referentes às batalhas de Monte Castelo, Montese e outras.

### 3. LUGARES E RASTROS DAS TRAJETÓRIAS DOS RETRATOS DA FEB

Do conjunto de imagens oriundas dos grupos fazem parte as fotografias retratos dos ex-combatentes, evidenciando um “trabalho de memória” (Pollack, 1989) em que se associam imagens de medalhas, cartas, certidões diplomas, cenas de campanha, de batalha, de confraternização, afeto, lúdicas. Essas imagens são coletadas e arquivadas em um caderno de campo digital, de forma a operacionalizar uma base empírica em que são

<sup>9</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

<sup>10</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

<sup>11</sup> O ditado se refere a algo muito difícil de acontecer, improvável, e o trocadilho pelo lema e pelos fatos históricos trouxe a resposta dos otimistas com a ida do corpo expedicionário de que “a cobra está fumando” ou a “a cobra fumou”. Essa passagem da história da FEB é relatada em várias publicações temáticas e faz parte da minha memória familiar.

consideradas objeto de memória e como fonte histórica suscitando uma série de perguntas voltadas aos seus aspectos técnicos, estéticos, representacionais, bem como seus agenciamentos “pelos guardiães da memória, pelos colecionadores, pelas instituições de guardas, enfim, pelos diferentes sujeitos sociais que operaram sobre essa imagem” (Mauad, p.18, 2008).

Essa dimensão da investigação tem como perspectiva a “biografia das imagens e sua vida social”, superando a compreensão da imagem fotográfica apenas como texto e a concebendo como “materialização de uma prática social” (Mauad, p. 18, 2008). Dessa forma, as imagens promovem o olhar em várias dimensões, já que são configuradas através de grupos de redes sociais, que são eles mesmo ferramentas e atores<sup>12</sup> dos processos de visibilidade e lugar de um trabalho de memória social que se constitui internamente e externamente. Tais grupos podem ser avaliados como fechados ou abertos, com ou sem administração, nas suas regras e atuação de mediadores (Le Goff, 1983; Nora, 1993).

Além disso, na intertextualidade das imagens fotográficas, observa-se os textos legendas que identificam as origens geográficas, as datas de embarque, as lotações, as datas de volta para o Brasil; trazem os registros dos guardiães, as quais revelam os vários laços de parentesco que se configuram na construção de arquivos que se constroem no trânsito de memórias privadas e públicas, na abertura de álbuns de família, para compor narrativas de memória na esfera pública (Montesperelli, 2004), dinamizada e ampliada pelas redes sociais (Martino, 2014).

Há que se pensar ainda que a materialidade das imagens em si, também trazem pistas sobre as técnicas de suas construções. Com maior ou menor qualidade de resolução, fabricadas pela habilidade dos coloristas ou não, falam de uma época em que a fotografia ainda era uma forma pouco usada para construir registros dos sujeitos das camadas populares; a CLT e o título de eleitor, nesse sentido, podem ser pensados como mediadores para configurar arquivos de imagem de pessoas comuns, nessa época.

Outro aspecto, as imagens como fotografias ou objetos de cultura material, trazem indícios de uma época, com seus costumes e padrões culturais, incluindo o uso do tabaco

---

<sup>12</sup> A referência como ferramenta remete às discussões das mídias digitais nas suas relações entre memória e tecnologia, por exemplo a partir das incertezas do “efêmero duradouro”. SILVEIRA, P. T. Lembrar e esquecer na internet: Memória, mídias digitais e a temporalidade do perdão na esfera pública contemporânea. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 37, n. 73, p. 287-321, jan/abr 2021

como glamour, sem restrições sociais, o formato do bigode ou a flexão do braço à cintura, para compor gestos de uma performance típica aos estilos de vida hegemônicos ou culturalmente válidos. Mais do que isso, as fotografias como resultado de uma relação entre fotógrafo e fotografado, também são rastros para pensar a vida que está por detrás das imagens, a base social e econômica da FEB, suas origens de classe, constituída em sua maioria por jovens voluntários e convocados - sendo muitos deles negros - com baixa ou até nenhuma escolaridade, oriundos dos diversos rincões do país. (Ferraz, 2002).



Figura 3 – Imagem Pracinha Odilon Alves da Silva<sup>13</sup>



Figura 4 – Imagem Pracinha Santino Menechini<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

<sup>14</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

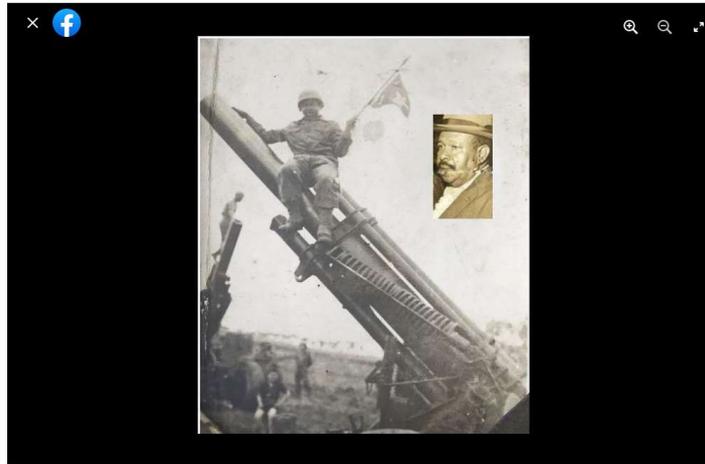
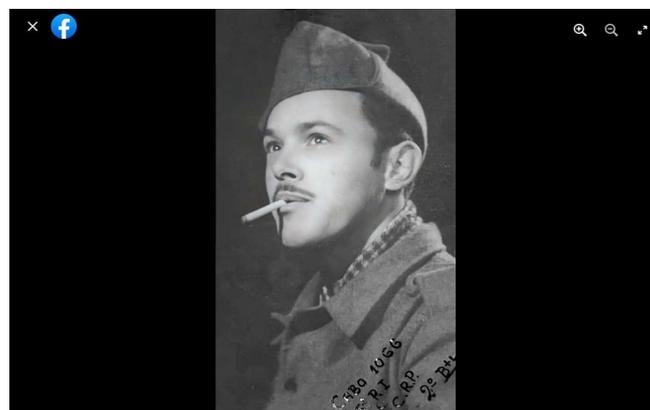


Figura 6 – Imagem Pracinha Henrique Ricardo Pereira



Figura 7 – Imagem Pracinha Eurico de Almeida Miranda<sup>15</sup>



<sup>15</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

Figura 8 – Imagem Pracinha Raul Rosa<sup>16</sup>

As imagens “febianas” mobilizam ainda o olhar para outro aspecto menos investigado nas pesquisas temáticas à FEB e ao seu contexto de formação, que trata da participação das mulheres, na composição dos escalões que estiveram na Itália. Esse aspecto implica pensar a sua inserção nos múltiplos tempos dos usos da fotografia e como objeto nas construções de uma memória peculiar e singular, configura narrativas da FEB no espaço dos grupos estudados.



Figura 9 – Capitão Enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero<sup>17</sup>

Se as imagens das mulheres ampliam a diversidade dos retratos febianos, a ausência de outras, imagens, na espacialidade das molduras configuradas pelos grupos das redes sociais, provocam o olhar da pesquisa para segmentos étnicos como os indígenas, por exemplo, que constituem a história da formação da FEB. Há portanto, um fio inconcluso nas narrativas de memória, nesse caso, tecidas pelos retratos e suas trajetórias, que coloca uma série de indagações ao percurso. De que sujeitos sociais e históricos falam essas imagens e como tais se apresentam e representam o passado no universo dos grupos. Qual a relação temporal dos retratos dos Pracinhas com o contexto da fotografia e seus usos nas espacialidades das mídias? De que forma elas são organizadas nos processos de construção da memória pública e quais as marcas dos seus

<sup>16</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

<sup>17</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

---

agenciadores (as)? Como elas, juntamente com as outras imagens, constituem os sentidos das memórias da FEB e da Segunda Guerra Mundial.

### **Algumas considerações finais**

Investigar os usos do passado, através das trajetórias das fotografias febianas nas redes sociais, tem o propósito de pensar como essas imagens e suas relações históricas podem contribuir para a memória de uma época e seus episódios marcantes, pela relação presente-passado, considerando as emergências e os esquecimentos na dialética das relações presente passado, que entrelaça memórias individuais, privadas e públicas.

Metodologicamente, seguiu-se um caminho que procura aliar a história, a antropologia, a sociologia e a comunicação, construindo uma *artesanía* que conjugue o olhar sobre os vários tempos do retrato e como modo de encontrar o outro através de uma perspectiva estimulada pela etnografia histórica das imagens dinamizada pelas mídias.

Entende-se que todas essas dimensões são relevantes para compreender as relações entre memória e história a partir da fotografia, nos diversos cenários comunicacionais, incluindo, na continuidade da pesquisa, o estudo da recepção das fotografias, buscando assim, aprofundar a compreensão dos sentidos das memórias da FEB nas mudanças, esquecimentos e permanências das matrizes políticas da Segunda Guerra.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BENJAMIN, W. O narrador. In: **Magia e Técnica Arte e Política**. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BONALUME NETO, R. **A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate 1942-1945**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 5ª. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004
- DIAS, A. A. M. **Observando o ódio: entre uma etnografia do Neonazismo e a biografia de David Lane**. Antropologia Social. Tese de Doutorado, 2018. São Paulo, USP
- ECO, U. **O fascismo eterno**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- FERRAZ, F. C. A. **A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)**. Tese de doutorado USP. São Paulo, 2002.

---

FRAGOSO S.; RECUERO R. & AMARAL. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina. 2012.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar. 1978

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. I ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: o breve século XX**. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 4 ed. Campinas: UNICAMP, 1986.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século**. In: MORAES, D. (org.). Sociedade midiática. Rio de Janeiro: Mauad. 2006

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MAUAD, A. M. **Poses e Flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MILLER, D. Daniel Miller: “A antropologia digital é o melhor caminho para entender a sociedade moderna” Entrevista concedida a Mônica Machado. Ano X.01, 2015  
*Revista Z Cultural* (Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/Letras/UFRJ)  
<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/daniel-miller-a-antropologia-digital-e-o-melhor-caminho-para-entender-a-sociedade-moderna/> Acesso em nov. 2021

MONTESPERELLI, P. **Sociología de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión. Buenos Aires, 2004.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n.10, p.7-28. 1993.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007

ROSTY, C. S.; ROSTY, E. S. **As vitórias da FEB**. Do Vale do rio Serchio ao Vale do rio Po. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2022.

SILVEIRA, P. T. Lembrar e esquecer na internet: Memória, mídias digitais e a temporalidade do perdão na esfera pública contemporânea. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 37, n. 73, p. 287-321, jan/abr 2021

---

### Referências eletrônicas

AGENCIA SENADO. Confundida com liberdade de expressão, apologia ao nazismo cresce no Brasil desde 2019. Ricardo Vestin.

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/08/confundida-com-liberdade-de-expressao-apologia-ao-nazismo-cresce-no-brasil-a-partir-de-2019> Acesso em 20 ag. 2022

DEUTSCHE WELLE BRASIL. BAUER, Udo. A Segunda Guerra Mundial em números. Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-br/a-segunda-guerra-mundial-em-n%C3%BAmeros/a-50212146>

Acesso em jun. 2022

ONG SAFERNET BRASIL. Denúncias de neonazismo à Safernet aumentam 60% em um ano.

Disponível em <https://new.safernet.org.br/content/denuncias-de-neonazismo-safernet-aumentam-60-em-um-ano> Acesso em 20 ag. 2022

### Grupos do Facebook

Imortais combatentes da FEB

Disponível em <https://www.facebook.com/imortaiscombatentesdafeb>

Acesso em ab. 2002.